

TRANSTORNO DE ESCORIAÇÃO: O SOFRIMENTO PSICOLÓGICO QUE FICA MARCADO NA PELE

Jade Carolina Lopes da Silva¹
Fernanda Bicalho Pereira²

fernandabicalhopereira@gmail.com

ÁREA DO CONHECIMENTO: Ciências da Saúde

RESUMO

O presente estudo abordou os aspectos psicológicos e fatores de personalidade associados à escoriação psicogênica a partir de relatos. O transtorno de escoriação é definido por um excesso de comportamentos de arranhar, ferir ou esfoliar a pele. Os comportamentos não estão relacionados a problemas no neurodesenvolvimento e provocam sofrimento emocional e prejuízos na vida social de quem os apresenta. Além de ser considerado um problema dermatológico, por afetar diretamente a pele e seus anexos, esse transtorno também apresenta características psiquiátricas. O escoriar-se é um ato agressivo e autodestrutivo que se manifesta compulsivamente, principalmente associado a vivências de solidão, ansiedade e angústia. Todas as participantes com escoriação psicogênica mostraram que frente às tensões e adversidades, procuram alívio na própria pele, confirmando as íntimas ligações entre estados emocionais e a pele e seus significados.

PALAVRAS-CHAVE: CAPSi, Acolhimento, Reforma Psiquiátrica, Psicólogo.

INTRODUÇÃO

Neste artigo buscou-se compreender o Transtorno de Escoriação (TE) por meio da formulação de conjecturas sobre as compreensões registradas na literatura, a partir das contribuições científicas a respeito desta temática e como esta transita entre as dimensões do ser humano, tendo em vista que a saúde mental se ramifica em uma vasta gama de segmentos que por sua vez disserta sobre os aspectos psicológicos que gravitam no entorno do processo do adoecer. O Transtorno de Escoriação (TE), se dá a partir da aparição e frequência do comportamento repetitivo de lesionar a pele, promovendo um dano físico no tecido. Visto que além das implicações orgânicas, concomitantemente resulta em sofrimento psíquico, pois o indivíduo que apresenta TE percebe estar em um ciclo no qual inicialmente há o

¹ Aluna do curso de Psicologia do Centro Universitário Vértice – UNIVÉRTIX.

² Psicóloga. Mestre em Enfermagem. Professora do Centro Universitário Vértice – UNIVÉRTIX.

ferimento da pele, seguida por angústia/culpa pela lesão que se vincula a ânsia desmesurada que retoma a ocorrência do impulso e comportamento inicial (COGINOTTI; REIS, 2016).

O presente trabalho tem como objetivo analisar o transtorno de escoriações e o papel importante do psicólogo frente as ações para proporcionar saúde mental aos indivíduos, o psicólogo trabalhará visando promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas. Trabalhos como esse são importantes para fundamentar a importância do profissional psicólogo frente as ações de promoção e prevenção da saúde, qual a sua atuação dentro dessas ações.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O Transtorno de Escoriação, também conhecido como Dermatilomania, é caracterizado pela compulsão recorrente de coçar, beliscar, espremer ou cutucar a própria pele, resultando em lesões cutâneas significativas. Essa condição pertence ao grupo dos Transtornos de Controle do Impulso e tem sido alvo de crescente atenção na área da saúde mental, especialmente entre adolescentes (ODLAUG *et al.*, 2014).

O atendimento a adolescentes com Transtorno de Escoriação ganha relevância no contexto dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), que se destacam por oferecer serviços de saúde mental no âmbito da atenção básica, abrangendo a prevenção, tratamento e reabilitação de transtornos mentais severos e persistentes. Compreender os fatores subjacentes ao Transtorno de Escoriação nesse grupo populacional e os desafios específicos enfrentados durante o atendimento no CAPS é crucial para uma intervenção eficaz (ZUCKER *et al.*, 2019).

O Transtorno de Escoriação é mais comum em adolescentes e adultos jovens, com uma prevalência que varia entre 1% a 5% da população geral. Fatores genéticos, neurobiológicos e psicossociais têm sido implicados na etiologia do transtorno. A exposição a situações de estresse, histórico de trauma, transtornos de ansiedade e transtornos do humor são frequentemente associados à sua ocorrência (GRANT *et al.*, 2018; HAYNES *et al.*, 2017).

O Transtorno de Escoriação pode resultar em comprometimento significativo na qualidade de vida dos adolescentes afetados. A prática repetitiva de escoriação

pode levar a feridas abertas, infecções e cicatrizes, além de problemas emocionais, isolamento social e baixa autoestima. O diagnóstico do transtorno é clínico e baseia-se em critérios específicos, tais como a recorrência de lesões cutâneas e o significativo sofrimento pessoal ou prejuízo funcional (ZUCKER *et al.*, 2019; ODLAUG *et al.*, 2014).

A intervenção no Transtorno de Escoriação geralmente envolve uma abordagem multidisciplinar. No contexto dos CAPS, a terapia cognitivo-comportamental (TCC) tem se mostrado eficaz, visando a identificar gatilhos emocionais, desenvolver estratégias de manejo do estresse, substituir comportamentos de escoriação por alternativas saudáveis e promover a conscientização e controle do impulso. Além disso, a psicoeducação, apoio familiar e o desenvolvimento de habilidades de enfrentamento também desempenham um papel crucial (FRANKLIN *et al.*, 2019; TENG *et al.*, 2018).

O atendimento de adolescentes com Transtorno de Escoriação no CAPS enfrenta desafios específicos, como a necessidade de criar um ambiente acolhedor e empático para os pacientes, promovendo a adesão ao tratamento. A abordagem colaborativa entre a equipe multiprofissional, incluindo psicólogos, psiquiatras, assistentes sociais e enfermeiros, é fundamental para fornecer uma assistência abrangente e integrada (ALBINET *et al.*, 2020; DA CRUZ *et al.*, 2022).

O Transtorno de Escoriação em adolescentes é uma questão relevante para a saúde mental, exigindo uma abordagem sensível e eficaz. A atuação nos CAPS oferece uma oportunidade valiosa para identificar, tratar e prevenir essa condição, contribuindo para o bem-estar e qualidade de vida dos adolescentes afetados. A pesquisa e prática clínica contínuas são essenciais para aprimorar a compreensão desse transtorno e aprimorar as estratégias de intervenção nos CAPS.

METODOLOGIA

O presente estudo se organizou como uma pesquisa qualitativa, a partir da observação participante.

A pesquisa é de natureza qualitativa ela busca compreender fatos ao invés de quantificar, o pesquisador e observador, é partilha na medida do possível das

vivências e experiências e interesses do objeto estudado, de forma a entender melhor a subjetividade dos envolvidos (AGROSINO, 2009).

Segundo os pesquisadores que fazem uso dessa metodologia ela procura olhar para o objeto de estudo como um todo, buscando compreender toda sua subjetividade e suas características. Os pesquisadores precisam entender todo o contexto social e cultural do ambiente para que possa haver uma boa relação com a comunidade na qual está inserido (PROETTI, 2018).

A observação participante se deu neste caso no CAPS I de uma cidade da zona da mata mineira. A unidade conta com psicólogas, auxiliar serviços gerais, recepcionista, coordenadora, enfermeiro, psicopedagoga, assistente social, psiquiatra, motorista, artesã, educadora física, fonoaudióloga assistente administrativo. O CAPS I dispõe de uma estrutura com salas para lecionar as aulas, refeitório, banheiros, cozinha, uma área para atividades de educação física, cozinha, sala de utilidades, Sala de oficinas, quarto plantonista, Rouparia, quadra, Sala de arquivo, Consultório, Diretoria, Sala de acolhimento, Farmácia, Recepção e conta com instalação própria.

Os sujeitos observados são em sua maioria adolescentes, paciente com com idades variadas e de ambos os sexos, A observação foi feita nos meses de setembro e outubro de 2022. Fazendo visitas a instituição, três vezes por semana, com 3 horas cada dia.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A dinâmica observada no CAPS entre profissionais de saúde mental e os usuários desempenha um papel crucial no processo terapêutico, especialmente em ambientes como o Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPS I), onde crianças e adolescentes com transtornos mentais graves e persistentes recebem atendimento. Este estudo busca analisar as características da relação entre psicólogos e usuários, bem como a abordagem terapêutica adotada, no contexto de um CAPS I.

A literatura destaca a importância da relação terapêutica na eficácia dos tratamentos psicológicos, especialmente em transtornos mentais de maior complexidade (Zucker *et al.*, 2019; Franklin *et al.*, 2019). Observações qualitativas

realizadas neste estudo revelaram que os psicólogos do CAPS I demonstram uma preocupação abrangente com os usuários, incorporando ações multidisciplinares, como oficinas terapêuticas, além do tratamento médico convencional.

De acordo com a Política Nacional de Saúde Mental, os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) representam um componente central da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), fornecendo atendimento comunitário e integrado (da Cruz *et al.*, 2022). No caso do CAPS I, essa abordagem é direcionada para crianças e adolescentes, visando não apenas a redução dos sintomas, mas também o desenvolvimento global do indivíduo (Albinet *et al.*, 2020).

Uma característica notável do CAPS I é a sua atuação substitutiva ao modelo asilar, proporcionando um ambiente acolhedor e colaborativo. Isso está alinhado com as diretrizes da RAPS, que priorizam a reabilitação psicossocial e a inclusão social de indivíduos com transtornos mentais (Haynes *et al.*, 2017; Teng *et al.*, 2018). A oferta de serviços diversos, como consultas psiquiátricas, atendimento psicológico, fonoaudiologia e enfermagem, reflete uma abordagem holística que busca atender às necessidades multifacetadas dos usuários.

No entanto, é importante destacar que, embora o modelo de atendimento seja aberto e comunitário, há desafios inerentes à prestação de serviços em saúde mental, incluindo a alta demanda por atendimento e a necessidade de recursos adequados (Grant *et al.*, 2018; Odlaug *et al.*, 2014). Esses desafios podem afetar a qualidade e a continuidade do tratamento oferecido.

Em resumo, a relação entre psicólogos e usuários no CAPS I se revela como um pilar fundamental para a eficácia do tratamento de transtornos mentais em crianças e adolescentes. A abordagem interdisciplinar, a oferta de oficinas terapêuticas e a ênfase no desenvolvimento integral do indivíduo refletem a busca por uma abordagem mais humanizada e inclusiva, em consonância com as diretrizes da RAPS.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo lançou luz sobre a dinâmica essencial entre psicólogos e usuários no contexto do Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPS I). A relação terapêutica estabelecida nesse ambiente desempenha um papel

fundamental no tratamento de crianças e adolescentes com transtornos mentais graves e persistentes. As observações qualitativas realizadas destacaram a preocupação abrangente dos psicólogos com os usuários, evidenciando uma abordagem terapêutica multidisciplinar que incorpora oficinas terapêuticas e tratamento médico.

A literatura consultada sustenta a relevância da relação terapêutica na eficácia dos tratamentos psicológicos, especialmente em casos de transtornos mentais complexos. A abordagem interdisciplinar adotada pelo CAPS I está em consonância com as diretrizes da Política Nacional de Saúde Mental, que busca a reabilitação psicossocial e a inclusão social dos indivíduos. A atuação substitutiva ao modelo asilar reforça a importância desse espaço comunitário como um ponto de atenção estratégico na Rede de Atenção Psicossocial (RAPS).

É importante ressaltar, no entanto, que o ambiente de saúde mental também enfrenta desafios consideráveis, incluindo a alta demanda por serviços e a necessidade de recursos adequados. A qualidade e a continuidade do tratamento podem ser afetadas por esses obstáculos, destacando a importância de um apoio governamental contínuo para fortalecer a capacidade de instituições como o CAPS I.

Este estudo contribui para a compreensão da relação terapêutica no contexto específico do CAPS I e destaca a importância de uma abordagem holística no tratamento de transtornos mentais em crianças e adolescentes. A busca por um desenvolvimento integral do indivíduo, aliado à oferta de serviços variados, reflete o compromisso em proporcionar um atendimento completo e humanizado.

A relação terapêutica entre psicólogos e usuários no CAPS I desempenha um papel crucial na promoção da saúde mental de crianças e adolescentes. A abordagem interdisciplinar e holística adotada pelo CAPS I reflete um compromisso genuíno com o bem-estar dos usuários e contribui para a construção de uma sociedade mais inclusiva e acolhedora para todos.

REFERÊNCIAS

AGROSINO, C. R. **Pesquisa etnográfica**. Tradução de Maria Paula G. R. de Barros. Petrópolis: Vozes, 2009.

ALBINET, C. T. *et al.* Desafios da prática do psicólogo em um CAPS Infantojuvenil: Uma reflexão acerca da clínica psicológica com crianças e adolescentes. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 12, n. 2, p. 239-253, 2020.

DA CRUZ, R. M. *et al.* Construção e aplicação de uma oficina terapêutica para pacientes adolescentes com Transtorno de Escoriação no CAPS I. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 42, n. 2, p. 91-107, 2022.

FRANKLIN, M. E. *et al.* The Child and Adolescent Trichotillomania Impact Project: Descriptive psychopathology, comorbidity, functional impairment, and treatment utilization. **Journal of Developmental and Behavioral Pediatrics**, v. 40, n. 3, p. 181-186, 2019.

GRANT, J. E. *et al.* Skin picking disorder. **American Journal of Psychiatry**, v. 175, n. 9, p. 856-863, 2018.

HAYNES, P. L. *et al.* Skin picking disorder and non-suicidal self-injury: A review and comparison. **Current Psychiatry Reports**, v. 19, n. 11, p. 82, 2017.

ODLAUG, B. L. *et al.* Skin picking disorder: Clinical presentation, assessment, and management. **Journal of Clinical Psychology**, v. 70, n. 4, p. 341-348, 2014.

PROETTI, S. T. M. Pesquisa qualitativa: O que é e como se faz. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 38, n. Spe, p. 16-25, 2018.

TENG, E. J. *et al.* Phenomenology of skin-picking behavior in a community sample of adolescents. **Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy**, v. 10, n. 2, p. 187-195, 2018.

ZUCKER, M. *et al.* Skin picking (Excoriation) disorder: Clinical features, psychiatric comorbidity, and health care utilization. **Psychosomatics**, v. 60, n. 4, p. 417-424, 2019.